

AQUELA MULHER EGÍPCIA



“O traço mais valioso de um homem é o senso crítico sobre aquilo em que não acreditar.”

EURÍPIDES

Uma das mulheres mais famosas que já existiram, Cleópatra VII governou o Egito durante 22 anos. Perdeu o reino uma vez, reconquistou-o, quase perdeu de novo, construiu um império, perdeu tudo. Deusa em criança, rainha aos dezoito anos, celebridade logo depois, foi objeto de especulação e veneração, de intriga e lenda, mesmo em nosso tempo. No auge do poder, controlava praticamente toda a costa oriental do Mediterrâneo, o último grande reino de qualquer soberano egípcio. Durante um breve instante, deteve o destino do mundo ocidental nas mãos. Teve um filho com um homem casado, três com outro. Morreu aos 39 anos, uma geração antes do nascimento de Cristo. A catástrofe é um cimento firme para uma reputação, e o fim de Cleópatra foi súbito e sensacional. Ela se instalou em nossa imaginação desde então. Muita gente falou dela, inclusive o maior de todos os dramaturgos e poetas; há 2 mil anos colocamos palavras em sua boca. Em uma das pós-vidas mais movimentadas da história, já virou nome de asteroide, videogame, um estereótipo, marca de cigarro, caça-níqueis, clube de striptease, sinônimo de Elizabeth Taylor. Shakespeare afirmou que a multiplicidade de Cleópatra era infinita. Ele nem imaginava até que ponto.

O nome pode ser indelével, mas a imagem é vaga. Cleópatra pode ser uma das figuras mais identificáveis da história, mas não fazemos muita

ideia de sua aparência. Apenas o retrato em moedas cunhadas em sua vida, que deve ter sido aprovado por ela, pode ser aceito como autêntico. Lembramos dela também pelas razões erradas. Soberana capaz, esclarecida, soube construir uma frota, eliminar uma insurreição, controlar uma economia, aliviar a fome. Um eminente general romano confiava em sua visão de assuntos militares. Mesmo numa época em que mulheres governantes não eram raridade, ela se destacou, única mulher do mundo antigo a governar sozinha e a desempenhar um papel nos negócios ocidentais. Era incomparavelmente mais rica do que qualquer outra pessoa no mundo mediterrâneo. E tinha mais prestígio que qualquer outra mulher de sua época, conforme um rei exaltado se deu conta ao mandar que fosse assassinada, durante a estada dela em seu reino (por causa de sua importância, foi impossível fazê-lo). Cleópatra vinha de uma longa linhagem de assassinos e manteve fielmente a tradição familiar, mas era, em seu tempo e seu espaço, notavelmente bem-comportada. Mesmo assim, ainda é considerada uma tentadora ardilosa, e não é a primeira vez que uma mulher genuinamente poderosa é transformada numa mulher desavergonhadamente sedutora.

Como todas as vidas que se prestam à poesia, a de Cleópatra foi uma vida de deslocamentos e decepções. Ela cresceu em meio a um luxo incomparável e herdou um reino em declínio. Durante dez gerações sua família havia gerado faraós. Os Ptolomeus eram, na verdade, gregos macedônios, o que faz de Cleópatra quase tão egípcia quanto Elizabeth Taylor. Aos dezoito anos, Cleópatra e seu irmão de dez anos assumiram o controle de um país com um passado de peso e um futuro vacilante. Mil e trezentos anos separam Cleópatra de Nefertiti. As pirâmides, que Cleópatra quase com certeza apresentou a Júlio César, já estavam cheias de pichações. A Esfinge passara por uma importante restauração mil anos antes. E a glória do Império Ptolomaico, que um dia fora grande, estava se apagando. Cleópatra tornou-se adulta num mundo à sombra de Roma, que durante sua infância havia estendido seus domínios até as fronteiras do Egito. Quando Cleópatra tinha onze anos, César lembrou a seus oficiais que, se não fizessem guerra, se não conseguissem riquezas e dominassem os outros, não

seriam romanos. Um soberano oriental que travou uma batalha épica contra Roma articulou o que viria a ser, de maneira diferente, o problema de Cleópatra: os romanos tinham temperamento de lobo. Odiavam os grandes reis. Tudo o que os romanos possuíam era fruto de saques. Pretendiam tomar tudo, e eram capazes de “destruir tudo ou morrer tentando”. As implicações disso para o último país rico que restava na esfera de influência de Roma eram muito claras. O Egito havia se distinguido por sua sagacidade nos negócios; em grande parte, mantinha sua autonomia. Inclusive, já havia se envolvido nos negócios romanos.

Em troca de uma inacreditável soma em dinheiro, o pai de Cleópatra havia assegurado a designação de “amigo e aliado do povo romano”. Sua filha iria descobrir que não bastava ser amiga daquele povo e daquele Senado; era essencial fazer amizade com o romano mais poderoso de seu tempo. Isso exigia uma tarefa desconcertante na República tardia, assolada por guerras civis. Elas eclodiram regularmente ao longo de toda a vida de Cleópatra, lançando uma sequência de comandantes romanos da época uns contra os outros no que era, em essência, uma disputa temperamental de ambições pessoais, duas vezes decidida em solo egípcio. Cada convulsão estremecia o mundo mediterrâneo, que lutava para corrigir suas lealdades e redirecionar seus tributos. Cleópatra tinha empenhado tudo com Pompeu, o Grande, o brilhante general romano sobre o qual a boa estrela parecia brilhar eternamente. Ele se tornou o patrono da família. E também entrou em guerra civil contra Júlio César, justamente quando, do outro lado do Mediterrâneo, Cleópatra subia ao trono; Júlio César o fez sofrer uma derrota esmagadora na Grécia central: no verão de 48 a.C. Pompeu fugiu para o Egito, onde foi apunhalado e decapitado numa praia. Cleópatra tinha 21 anos. Não havia escolha senão tentar cair nas graças do novo senhor do mundo romano. Ela o fez de um jeito diferente da maioria dos outros reis, cujos nomes, não por acaso, hoje estão esquecidos. Durante os anos seguintes, ela se empenhou em virar a implacável maré romana para seu lado, mudando de patrono outra vez depois do assassinato de César, e acabando por ficar com seu protegido, Marco Antônio. À distância no tempo, seu reino resume-se a uma moratória. Sua história

estava essencialmente terminada antes de começar, embora ela, claro, não devesse pensar assim. Com a morte de Cleópatra, o Egito se transformou numa província romana. Não conseguiu recuperar sua autonomia até o século XX.

Pode-se dizer algo de bom sobre uma mulher que foi para a cama com dois dos homens mais poderosos de seu tempo? Possivelmente sim, mas não numa época em que Roma controlava a narrativa. Cleópatra se viu em um dos cruzamentos mais perigosos da história: o cruzamento entre mulheres e poder. Centenas de anos antes, Eurípides alertara que mulheres inteligentes eram perigosas. Um historiador romano ficou plenamente satisfeito ao descrever uma rainha judia como mera figura decorativa e, seis páginas depois, condená-la por sua desmedida ambição e seu amor indecente pela autoridade. Um poder mais desconcertante também se fazia sentir. Em um contrato de casamento do século I a.C., uma noiva prometia ser fiel e afetuosa. E, então, jurava não colocar poções amorosas na comida ou na bebida do marido. Não se sabe se Cleópatra amava Antônio ou César, mas sabemos que conseguiu que os dois fizessem o que ela queria. Do ponto de vista romano, ela “escravizou” ambos. De saída, era um jogo empatado em zero a zero: a autoridade da mulher significava enganar o homem. Quando perguntaram à esposa de Augusto, o primeiro imperador romano, como havia conseguido influenciar o marido, ela parece ter respondido que o fizera “sendo escrupulosamente casta, fazendo alegremente tudo o que o agradava, sem interferir em seus negócios e, particularmente, fingindo não ouvir nem notar as favoritas que eram objeto das paixões dele”. Não há razão para se aceitar essa fórmula literalmente. Já Cleópatra era feita de matéria bem diferente. No decorrer de uma agradável excursão de pesca, debaixo do lânguido sol da Alexandria, ela não viu problema algum em lembrar ao mais famoso general romano da época quais eram suas responsabilidades.

Para um romano, licenciosidade e ausência de lei eram propriedades gregas. Cleópatra era duplamente suspeita, primeiro por vir de uma cultura conhecida por seu “talento natural para a dissimulação”, e depois por seu endereço alexandrino. Um romano não conseguia separar o exótico do

erótico; Cleópatra era um ícone do Oriente oculto, alquímico, de sua terra sinuosa, sensual, tão perversa e original quanto aquele rio inacreditável. Os homens que entravam em contato com ela pareciam perder a cabeça, ou, pelo menos, repensar suas prioridades. Ela perturba até a biografia que Plutarco escreveu de Marco Antônio. E exerce o mesmo efeito num historiador do século XIX que a descreve, ao encontrar César, como “uma garota muito solta de dezesseis anos”. (Na verdade, ela era uma mulher de 21 anos, intensamente focada.) O canto da sereia do Oriente existia muito antes de Cleópatra, mas isso não importa: ela vinha da embriagadora terra do sexo e do excesso. Não é difícil entender por que César virou história e Cleópatra virou lenda.

Nossa visão fica ainda mais turva pelo fato de os romanos que contaram a história de Cleópatra conhecerem muito bem sua própria história antiga, que contamina repetidamente seus relatos. Assim como Mark Twain no Vaticano opressivo e rebuscado, nós às vezes preferimos as cópias ao original. Os autores clássicos também eram assim. Eles fundiam relatos, reformavam velhas histórias. Atrelaram Cleópatra a vícios de outros devassos. A história existia para ser recontada, com mais verve, mas não necessariamente mais precisão. Nos textos antigos, os vilões sempre vestem uma roupa púrpura especialmente vulgar, comem pavão assado demais, se lambuzam com raros unguentos, derretem pérolas. Fosse uma transgressora rainha egípcia com fome de poder ou um impiedoso pirata, ambos eram conhecidos pelas “odiosas extravagâncias” de seus associados. Iniquidade e opulência andavam de mãos dadas; o mundo deles se incendiava em púrpura e ouro. Outro empecilho é o fato de a história vazar para a mitologia, o humano para o divino. O mundo de Cleópatra era um mundo no qual se podiam visitar as relíquias da lira de Orfeu ou ver o ovo que a mãe de Zeus havia chocado. (Ficava em Esparta.)

A história é escrita não apenas pela posteridade, mas também para a posteridade. Nossas fontes mais abrangentes nunca conheceram Cleópatra. Plutarco nasceu 76 anos depois de sua morte. (Ele escreveu ao mesmo tempo que Mateus, Marcos, Lucas e João.) Apiano escreveu com

um intervalo de mais de um século; Dio com mais de dois. A história de Cleópatra é diferente da história da maioria das mulheres, na medida em que os homens que a narraram, por razões que lhes eram próprias, acabaram por ampliar em vez de apagar o papel dela. A relação com Marco Antônio foi a mais longa de sua vida, mas o relacionamento com seu rival, Augusto, foi o mais duradouro. Ele iria derrotar Antônio e Cleópatra. Para enfatizar a glória, ele enviou a Roma uma versão sensacionalista de uma rainha egípcia insaciável, traiçoeira, com sede de sangue, louca pelo poder. Ele ampliou Cleópatra a proporções hiperbólicas, de forma a fazer o mesmo com sua vitória — e também a remover do quadro seu real inimigo, o ex-cunhado. O resultado é como uma vida de Napoleão escrita por britânicos no século XIX ou uma história dos Estados Unidos escrita no século XX por Mao Tsé-tung.

Ao time de historiadores excepcionalmente tendenciosos, acrescentem-se registros muito irregulares. Não sobreviveu nenhum papiro de Alexandria. Quase nada das cidades antigas permanece acima do chão. Temos, talvez e no máximo, uma palavra escrita por Cleópatra. (Em 33 a.C., ela ou um escriba assinou um decreto real com a palavra grega *ginesthoi*, que significa “cumpra-se”.) Os autores clássicos não davam importância a estatísticas e de vez em quando nem à lógica: seus relatos contradizem uns aos outros e a eles mesmos. Apiano descuida dos detalhes, Josefo é inútil com a cronologia. Dio prefere a retórica à exatidão. As lacunas são tão regulares que parecem deliberadas; existe algo que chega muito próximo de uma conspiração de silêncios. Como é possível que não se tenha nem um busto autêntico de Cleópatra, numa época de retratistas realistas e talentosos? As cartas de Cícero, dos primeiros meses de 44 a.C., quando César e Cleópatra estavam juntos em Roma, nunca foram publicadas. A história grega mais longa dessa época passa superficialmente pelo tumultuoso período em questão. É difícil dizer o que faz mais falta. Apiano promete mais sobre César e Cleópatra em seus quatro livros sobre a história egípcia, que não sobreviveram. O relato de Tito Lívio termina um século antes de Cleópatra. Conhecemos em detalhes o trabalho de seu médico pessoal

apenas por meio das referências de Plutarco. Mesmo Lucano interrompe seu poema épico de maneira abrupta e irritante, deixando César preso no palácio de Cleópatra, no começo da Guerra Alexandrina. E, na ausência de fatos, instala-se o mito, a praga da história.

Os lapsos nos registros representam um problema, o que nós construímos em torno deles, outro. Os negócios de Estado caíram por terra, deixando-nos com os assuntos do coração. Uma mulher exigente versada em política, diplomacia e governo, fluente em nove idiomas; articulada e carismática, Cleópatra parece, mesmo assim, uma criação conjunta de propagandistas romanos e diretores de Hollywood. Ela é usada para pôr um rótulo de antiguidade em uma coisa que sempre soubemos que existia: sexualidade feminina potente. E seu *timing* foi péssimo. Não só sua história foi escrita pelos inimigos, como ela teve a infelicidade de estar na cabeça de todo mundo bem no momento em que a poesia latina tomou forma própria. Ela sobrevive literariamente numa língua que lhe é hostil. As ficções apenas proliferaram. George Bernard Shaw enumera entre suas várias fontes para *César e Cleópatra* sua própria imaginação. Muitos historiadores beberam em Shakespeare, o que é compreensível, mas é um pouco como tomar as palavras de George C. Scott pelas de Patton.

Restaurar Cleópatra significa resgatar uns poucos fatos e também remover o mito incrustado e a propaganda envelhecida. Ela era uma mulher grega cuja história ficou a cargo de homens cujo futuro estava em Roma, a maior parte deles funcionários do império. Seus métodos históricos são pouco claros para nós. Eles raramente mencionam suas fontes. Confiavam em grande parte na memória. Para padrões modernos são polemistas, apologistas, moralistas, fabulistas, recicladores, fazem cortar-colar, são *hackers*. Apesar de toda a sua erudição, o Egito não produziu nenhum bom historiador. Só é possível ler desse jeito. As fontes podem ser falhas, mas são as únicas que temos. Não existe concordância universal na maior parte dos detalhes básicos da vida de Cleópatra, nenhum consenso sobre quem era sua mãe, quanto tempo Cleópatra viveu em Roma, quantas vezes ficou grávida, se ela e Antônio se casaram, o que transpirou na

batalha que selou seu destino, como ela morreu.* Tentei não perder de vista quem era um ex-bibliotecário e quem era uma celebridade, quem tinha efetivamente visitado o Egito, quem desprezava o lugar e quem nasceu lá, quem tinha problemas com mulheres, quem escreveu com o zelo de um romano convertido, quem queria acertar contas, agradecer seu imperador, aperfeiçoar seus hexâmetros. (Confiei pouco em Lucano. Ele esteve na cena prematuramente, antes de Plutarco, de Apiano e de Dio. Mas era também um poeta e um sensacionalista.) Mesmo quando não são nem tendenciosos, nem confusos, os relatos são quase sempre exagerados. Como já se apontou, na Antiguidade não havia história simples, sem ornamentos. O que interessava era assombrar. Não tentei preencher as lacunas, embora às vezes tenha encarado essa possibilidade. O que parece meramente provável continua aqui meramente provável — embora as opiniões variem radicalmente mesmo quanto às probabilidades. O incompatível continua incompatível. De uma forma geral, restaurei o contexto. Cleópatra efetivamente matou seus irmãos, mas Herodes matou seus filhos. (Ele depois lamentou ser “o mais infeliz dos pais”.) E, como nos lembra Plutarco, esse comportamento era axiomático entre soberanos. Cleópatra não era necessariamente bonita, mas sua riqueza — assim como seu palácio — deixava Roma de boca aberta. As coisas eram lidas de modos muitos diferentes de um lado e do outro do Mediterrâneo. As últimas décadas de pesquisas sobre mulheres da Antiguidade e do Egito helênico iluminam substancialmente esse quadro. Tentei arrancar o véu do melodrama das cenas finais de sua vida, que reduz até mesmo crônicas sóbrias a novelas românticas. Mas, às vezes, a alta dramaticidade prevalece sobre a razão. A época de Cleópatra era de personalidades desmedidas, intrigantes. Ao final, os maiores atores do período fazem uma saída abrupta. Depois deles, um mundo começa a desmoronar.



* Nem os escritores de ficção conseguem concordar sobre o amor de César por Cleópatra. Bem a quer (Handel); mal a quer (Shaw); bem a quer (Thornton Wilder).

Embora exista muita coisa que não sabemos sobre Cleópatra, existe muita coisa que ela também não sabia. Ela não sabia que estava vivendo no século I a.C., nem na era helenística, ambas concepções modernas. (A era helenística começa com a morte de Alexandre, o Grande, em 323 a.C., e termina 293 anos depois, com a morte de Cleópatra. Talvez tenha sido melhor definida como uma era grega em que os gregos não desempenharam papel algum.) Ela não sabia que era Cleópatra VII por várias razões, uma das quais é que era, na verdade, a sexta Cleópatra. Jamais conheceu alguém chamado Otaviano. O homem que a venceu e a depôs, que provocou seu suicídio e em grande parte embalou-a para a posteridade, nasceu Caio Otávio. Na época em que entrou na vida de Cleópatra de modo significativo chamava-se Caio Júlio César, em honra do ilustre tio-avô, amante dela, que o adotou em seu testamento. Hoje o conhecemos como Augusto, título que assumiu três anos depois da morte de Cleópatra. Ele aqui aparece como Otaviano, porque, como sempre, se há dois Césares, um está demais.

A maioria dos nomes de lugares mudou desde a Antiguidade. Segui a orientação sensata de Lionel Casson ao optar por familiaridade mais que por coerência. Por isso, Beritus aqui é Beirute, enquanto Pelúcio — que não existe mais, mas que hoje estaria a leste de Port Said, na entrada do Canal de Suez — permanece Pelúcio. Da mesma forma, optei sempre pela grafia inglesa em vez da transliteração.* O rival de César aparece como Pompeu, e não como Gnaeus Pompeius Magnus; o representante de César como Marco Antônio, e não como Marcus Antonius. Sob muitos aspectos, a geografia mudou, litorais afundaram, pântanos secaram, montanhas desmoronaram. Alexandria é mais plana hoje do que no tempo de Cleópatra. A cidade já não se lembra de seu antigo projeto de ruas; nem rebrilha branca. O Nilo está quase três quilômetros mais a leste. A poeira, o ar marinho abafado, os crepúsculos que se derretem em púrpura não mudaram. A natureza humana continua incrivelmente

* Aqui traduzidas para a grafia em português. (N.T.)

coerente, a física da história imutável. Relatos em primeira mão continuam divergindo incrivelmente.* Durante bem mais de 2 mil anos, um mito foi capaz de superar e sobreviver ao fato. A não ser onde indicado, todas as datas são a.C.

* Como sempre, desde tempos imemoriais. “E o esforço para verificar esses fatos foi uma tarefa laboriosa, porque aqueles que foram testemunhas oculares de vários eventos não fazem as mesmas descrições das mesmas coisas, mas os relatos variam de acordo com o pendor para um lado ou outro, ou de acordo com a lembrança de cada um”, resmungou Tucídides, cerca de quatrocentos anos antes de Cleópatra. (*History of the Peloponnesian War*, I, XXII.4-XXIII.3.)